

Bruzundangas do século XXI: Plataformização como forma de sustento.

Bruzundangas of the 21st century: Platformization as a way of supporting oneself

Cleverson Pereira de Almeida (*1)

Cynthia Chazin Morgensztern (*2)

RESUMO

Bruzundanga é, a rigor, uma metáfora do Brasil, onde a alienação das elites e a opressão das classes populares são temas recorrentes. Lima Barreto denuncia a desconexão entre as autoridades e o povo, evidenciando a indiferença das elites diante das dificuldades enfrentadas pela população. As reformas superficiais propostas pelos líderes criticam o comportamento dos governantes brasileiros, que muitas vezes não atendem às necessidades reais da sociedade. Após 100 anos, mesmo com o avanço tecnológico, a corrida contra o tempo para que a modernização aconteça, em relação à infraestrutura e digitalização dos processos, certos temas se mantêm presentes no sistema governamental da nação brasileira, dentre eles: a desigualdade entre a classe trabalhadora e a necessidade de buscar o mercado informal, como por exemplo a plataformização, para que aconteça o sustento da família. Uma breve revisão da literatura sobre Lima Barreto e o Brasil do século XXI, têm a intenção de evidenciar tais diferenças, ao decorrer da redação deste artigo.

Palavras-chave: Bruzundanga, Lima Barreto e Plataformização

ABSTRACT:

Bruzundanga is strictly speaking a metaphor for Brazil, where the alienation of the elites and the oppression of the working, classes are recurring themes. Lima Barreto denounces the disconnect between the authorities and the people, highlighting the indifference of the elites in the face of the difficulties faced by the population. The superficial reforms proposed by the leaders criticize the behavior of Brazilian rulers, who often do not meet the real needs of society. After 100 years, even with technological advances, the race against time for modernization to occur, in relation to infrastructure and digitalization of processes, certain themes remain present in the governmental system of the Brazilian nation, among them: inequality among the working class and the need to seek the informal market, such as platformization, in order to support the family. A brief review of the literature on Lima Barreto and Brazil in the 21st century aims to highlight these differences, as this article is written.

Keywords: Bruzundanga, Lima Barreto and Platformization

¹ Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, pela Universidade de Brasília – UnB, cleverson.almeida@mackenzie.br e <http://lattes.cnpq.br/2672994469944331>

² Doutoranda em Educação, Artes e História da Cultura, Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, cynthia@genteemmovimento.com.br e <https://lattes.cnpq.br/9046832405851674>

INTRODUÇÃO

Os Bruzundangas, publicado postumamente em 1923, é uma obra satírica de Lima Barreto que critica a sociedade brasileira durante a Primeira República. Através da criação do país fictício Bruzundanga, Lima Barreto apresenta uma série de crônicas que revelam as mazelas sociais, políticas e culturais do Brasil da época. Ele aborda questões como corrupção, desigualdade social, elitismo e a busca por uma identidade cultural genuína, refletindo as realidades de sua própria.

Trata-se de uma sensibilidade muito aguda do escritor para perceber no interior da sociedade o variado conjunto de procedimentos encadeados — compondo grandes e pequenas cadeias, vistas e invisíveis — que tendiam a restringir o pensamento dos homens, tolhendo-lhes os meios para um desenvolvimento equilibrado da personalidade e a justa inserção social. (SEVCENKO, 2003, p. 201).

A principal motivação da escolha escrita de LIMA BARRETO, aconteceu, após seu pai perder o emprego na Imprensa Oficial e pouco depois ele enlouquece, causando o que o autor denominaria muitas vezes a sua “tragédia doméstica” ou “vergonha doméstica”.

O longo e injustificado retardamento na concessão da pensão de seu pai o colocou precocemente como o arrimo da família, forçando-o a abandonar o Instituto Politécnico e a pleitear um medíocre posto de amanuense na Secretaria da Guerra. Desde então a sua vida passa a representar um esforço desesperado para resistir a um processo de degradação progressiva da sua condição social, acompanhando suas dificuldades.

E se não são as potestades naturais que dirigem os homens, devem ser necessariamente os seus desígnios e a sua vontade, orientados por valores conscientemente estipulados, dentre os quais os mais elevados dizem respeito à verdade e à justiça entre os homens. (SEVCENKO, 2003, p. 194).

Após a publicação da obra Bruzundangas, em 1923, o Brasil de hoje, do século XXI, apresenta problemáticas semelhantes, levando em consideração, obviamente, os avanços humanos, físicos e tecnológicos, no que diz respeito a supremacia das classes sociais mais humildes financeiramente e a busca pelos meios de sustento.

Atualmente, dentro dos meios digitais, se fala no conceito *gig economy* ou economia do “bico” seria uma espécie de “camada” da *sharing economy*, que, por sua vez, tem suas particularidades na economia de plataforma. Um conceito que vem ganhando força em relação a modelos de trabalho na atualidade se refere à *gig economy*, ou seja, uma contratação temporária, o que abre margem para horários mais flexíveis, home office e diversas oportunidades de escolhas por parte do “freelancer” (DE STEFANO, 2016; KÄSSI; LEHDONVIRTA, 2018).

O presente artigo tem como objetivo apresentar este modelo de economia de sustento e por sua vez quem são os atuais “Bruzundangas” que possuem esta opção como meio de sobrevivência e alguns conceitos da obra “Os Bruzundangas” de um dos principais autores e literários do século XX, Afonso Henrique de Lima Barreto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A República dos Bruzundangas” e as principais características dos personagens da obra

A República dos Estados Unidos da Bruzundanga tinha, além do presidente e juizes de várias categorias, um Senado e uma Câmara de Deputados, ambos eleitos por sufrágio direto e temporários, com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

“O país vivia de expedientes, isto é, de cinqüenta em cinqüenta anos, descobria-se nele um produto que ficava sendo a sua riqueza” (BARRETO, 1923, p. 13). A grande nação vivia aos trancos e barrancos, sem estabilidade financeira e econômica; e, por esta razão, dando campo a que surgissem, a toda a hora, financeiros de todos os seus cantos e, sobretudo, do seu parlamento.

Segundo Barreto (1923), Os Bruzundanga é uma leitura imprescindível, pois todo o povo, tribo, clã, todo o agregado humano, enfim, deve ter na literatura e nos estudos, uma importante contribuição no conhecimento deste povo sobre si e sobre o outro, resultando em melhor compreensão e conexão entre os membros de uma mesma sociedade. Lima Barreto refere “Escola Samoieda”, ao grupo de escritores/autores que tem uma escrita de difícil entendimento e a estes ele nomeia como Samoiedas:

...Só querem a aparência das cousas. Quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor; quando se fazem oficiais do exército ou da marinha, não é exercer as obrigações atinentes a tais profissões, tanto assim que fogem de executar o que é próprio a elas. Vão ser uma ou outra cousa, pelo brilho do uniforme. Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. A glória das letras só as tem, quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega. (BARRETO, 1923, p. 7).

Encontram-se entre os personagens, grandes, médios e pequenos burgueses, arrivistas, charlatões, almofadinhas, aristocratas, militares, populares, gente do subúrbio, operários, artesãos, caixeiros, subempregados, desempregados, violeiros, vadios, mendigos, ébrios, capangas, cabos eleitorais, capoeiras, prostitutas, policiais, intelectuais, jornalistas, bacharéis, ex-escravos, agregados, criados, políticos, sertanejos, arrimos de família, moças casadeiras, noivas, solteironas, recém-casadas, crianças, casais loucos, tuberculosos, leprosos, criminosos, adúlteros, agitadores, estrangeiros, usurários, mascates, grandes e pequenos comerciantes, atravessadores, banqueiros, desportistas, artistas de teatro, cançonetistas, coristas e alcoviteiras. “É praticamente todo o Rio de Janeiro de seu tempo que nos aparece agitado e tenso [...]” (SEVCENKO, 2003, p. 192).

Os personagens de "Os Bruzundangas" são caricaturas da política e da sociedade da época. Um exemplo é o político anônimo em “Um mandachuva”, que representa a mediocridade e a falta de interesse pela cultura e arte, refletindo a qualidade duvidosa da liderança política do Brasil. Barreto satiriza figuras conhecidas, como o Barão do Rio Branco, por meio do personagem Pancome, que simboliza uma diplomacia falha e elitista.

“O povo do campo, dos latifúndios [fazendas] e empresas deixou a agricultura e correu para a cidade atraído pela alta dos salários; era, porém, uma ilusão, pois a vida tornou-se caríssima. Os que lá ficaram, roídos pela doença e pela bebida, deixaram-se ficar vivendo num desânimo de agruras. Os salários eram baixíssimos e não lhes davam com que se alimentassem razoavelmente; andavam quase nus; as suas casas eram sujíssimas e cheias de insetos parasitas, transmissores de moléstias terríveis. A raça da Bruzundanga tinha por isso uma caligem de tristeza que lhe

emprestava tudo quanto ela continha: as armas, o escachoar das cachoeiras, O canto doloroso dos pássaros, o cicio da chuva nas cobertas de sapê da choça — tudo nela era dor, choro e tristeza. Dir-se-ia que aquela terra tão velha se sentia aos poucos sem viver...”

A linguagem na obra os Bruzundangas e a similaridade com os tempos atuais

Sobre o estilo de escrita do autor: “de um lado, o parnasianismo, oco e ressonante, representado sobretudo pelo formalismo exacerbado de Coelho Neto, para quem “as palavras eram a própria substância da sua arte”. De outro, a linguagem castiça e empolada, representando o “clássico”, forma de composição calcada em expressões cediças e repontada de figuras de efeito, resultando numa algaravia anacrônica e de mau gosto, de amplo consumo entre políticos, bacharéis e pretensos intelectuais.” (SEVCENKO, 2003, p. 196).

Trata-se de uma sensibilidade muito aguda do escritor para perceber no interior da sociedade o variado conjunto de procedimentos encadeados — compondo grandes e pequenas cadeias, vistosas e invisíveis — que tendiam a restringir o pensamento dos homens, tolhendo-lhes os meios para um desenvolvimento equilibrado da personalidade e a justa inserção social”. (SEVCENKO, 2003 p. 201).

Lima Barreto concebia a sociedade brasileira como o fruto da combinação de diferentes etnias e que, em virtude mesmo dessa mestiçagem, havia atingido um grau elevado de intimidade e adaptação à natureza tropical e virente do país. Abominava por isso a preocupação obsessiva das elites locais em transmitir a imagem de uma nação branca e “civilizada” para os representantes, visitantes e mesmo para o público europeu, assim como a perspectiva pela qual este encarava o país, através da lente do exótico e do pitoresco, perspectiva essa que, como se não bastasse, era incorporada pela sociedade seleta da capital da República. (SEVCENKO, 2003)

A terra que vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mas fácil desta vida. Vive sugada; esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora

rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres. (Barreto, 1922-1998, p. 56).

Schwarcz e Monteiro (2016) trazem o conceito do “bovarismo”, que expressa a capacidade em fingir-se perfeito e fazer de conta que não existe, sob a perfeição de fachada, uma vida inconfessável que foge às aparências e aos contornos nítidos do ideal. Além do mais, joga para o outro, para o Estado, as mazelas da imperfeição. O retrato do Brasil que então se desenhava pela lente de Sérgio Buarque de Holanda em seu livro “Raízes do Brasil” onde acontece uma crítica literária sobretudo conclusões de seu encontro com Lima Barreto, em 1922, não era nada edificante. Surge então o pendor, típico no Brasil, para as fórmulas prontas e um discreto horror à realidade: “um amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis gerais, que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito dos nossos desejos, é dos aspectos mais constantes do caráter brasileiro” (Holanda, 1936, p.118).

De acordo com Florêncio, Santos e Leite (2020), as palavras de Barreto (1922-1998, p. 28) são decisivas para se entender a caduque ética das classes sociais, em especial, a dos políticos: “[...] a primeira coisa que um político de lá (de Bruzundanga) pensa, quando se guinda às altas posições, é supor que é de carne e sangue diferentes do resto da população”.

“Exatamente o que enxergamos hoje era visto por Barreto há cem anos: opressão das classes trabalhadoras, preconceito sobre minorias históricas e a manutenção do poder da elite”. (FLORÊNCIO, SANTOS E LEITE, 2020, p.4).

Os “Bruzundangas” da atualidade e a relação com o trabalho plataformizado

Segundo Schawarcz (2017), Lima Barreto, na obra A República Bruzundangas, retrata uma época demasiadamente hostil para as pessoas negras, sobretudo, marcada por um abafamento dos conflitos raciais, onde ele insistiu em escrever sobre as injustiças, vestígios da escravidão e o caráter elitista da literatura brasileira, se posicionando como um autor negro e reivindicando um “lugar de falar” do subalterno, logo, tanto sua conduta como a construção dos seus personagens inauguram uma “literatura militante” impactada por seu próprio contexto social.(P. 13).

Dentre os privilégios do monopólio do poder burocrático a nobreza doutoral usufruir de diversos privilégios especiais, entre eles, inserção ou descontos de até 50% de nos imposto, resultando assim, em um círculo sólido de perpetuação da dominação de sua classe, enquanto a educação é inacessível aos demais, como argumenta o personagem narrador ao falar do acesso as escolas superiores: A formatura é dispendiosa e demorada, de modo que os pobres, inteiramente pobres, isto é, sem fortuna e relações, poucas vezes podem alcança-la. (LIMA BARRETO, 1922, p. 23).

Florêncio e Santos (2020) comparam metaforicamente, a velocidade dos acontecimentos em países desenvolvidos, onde os cidadãos viajam em trens bala, sem esforços braçais e em velocidades inimagináveis, enquanto no Brasil se mantém o uso da “pesada charrete de ouro e prata, puxada por cavalos baios montados por mestiços pardos que nada queriam disputar” (VIANA e FLORÊNCIO, 2017 APUD FLORÊNCIO E SANTOS, 2020, p. 776). Os mesmos autores traçam um paralelo dessa análise com a temática de Toffler (1980):

...podemos justificar o colonialismo ainda presente na cultura brasileira por força do sistema de exploração ocorrido no país, tanto durante os séculos XVI a XVIII, pela dominação portuguesa, quanto posteriormente e até os dias atuais, pela colonização econômico-cultural imposta pelo império norte-americano. Exemplo disso é a produção tecnológica digital que, no Brasil da infraestrutura pela metade, os sistemas de comunicação funcionam precariamente, fazendo-nos reféns das grandes multinacionais para desenvolvermos o direito humano da comunicação, da informação e do deslocamento. (FLORÊNCIO E SANTOS, 2020, p. 776).

Com um mercado profissional cada vez mais instável, consequência de uma nação em desequilíbrio socioeconômico há pelo menos um século, o cidadão acaba recorrendo a alternativas para garantir sua subsistência do cotidiano. Impõe-se a necessidade de adoção de estratégias de organização e luta, que considerem a nova morfologia assumida pelo trabalho no capitalismo contemporâneo (ANTUNES, 2015). A atividade do trabalhador, agora atrelada às corporações que se utilizam das plataformas digitais, mostra-se um retrato fiel a um possível colapso do capitalismo.

Os números de 2024 do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apontam para um número de 7,5 milhões de profissionais desempregados no segundo semestre até o momento (<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>, 2024). O crescimento acelerado de trabalhadores remunerados por empresas, alocadas nas plataformas digitais, notamos diferenças marcantes do mercado tradicional: não

existe processo seletivo, recrutamento, vagas a serem preenchidas, contratos agora são feitos por adesão etc.

As empresas que se encontram no mercado *on-line* ditam as regras do jogo, podendo elas mesmas distribuírem as atividades, a precificação, além de bloquear ou “demitir” os autônomos, que não estejam performando bem nas suas plataformas. A própria uberização pode ser entendida como uma sofisticação da informalidade e desafia o trabalhador de hoje a entender as novas regras impostas pelas plataformas digitais, seus meios de controle, riscos e supressão de alguns direitos trabalhistas.

Com um mercado profissional cada vez mais instável, o cidadão acaba recorrendo a alternativas para garantir sua subsistência do cotidiano. Impõe-se a necessidade de adoção de estratégias de organização e luta, que considerem a nova morfologia assumida pelo trabalho no capitalismo contemporâneo (ANTUNES, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que o Brasil procure se modernizar, existe uma cultura forte que insiste em permanecer na essência de um grupo privilegiado das pessoas, as quais enxergam benefícios em manter a classe mais humilde da população, com pouco estudo ou nenhuma formação. O intuito disso parece estar associado a uma necessidade de fazer “o que bem entende” e não ter a chance de receber questionamentos suficientemente relevantes, para a mudança de tal perfil “corrupto e descomprometido” com os verdadeiros anseios da população.

Lima Barreto teve um papel importante, ao trazer à tona alguns episódios de sua época, fazendo críticas sociais às práticas de algumas camadas sociais para com a sociedade brasileira. Desta forma, evidencia através de uma linguagem satírica e inteligente as mazelas e a hipocrisia que permeavam as relações sociais e políticas.

O mundo do trabalho certamente sofre com o desequilíbrio econômico e a falta de gestão “honesta” das finanças, mas sim corrupta, deste antes dos tempos de Lima Barreto, apresenta consequências terríveis para a sociedade sobre esta temática. Por meio da leitura do livro “A República dos Bruzundangas”, este ilustre escritor, nos dá

a possibilidade de entender parte das razões, senão muitas e que fatalmente continuamentos a ser “novos Bruzundangas”.

Só a restauração da solidariedade humana em proporções crescentes e universais confere dignidade à ação social nos dias que correm, e a literatura é o seu veículo por excelência. Eis aí a chave de toda a sua coerência de linguagem simples, literatura utilitária e conteúdo humanitário”. (SEVCENKO, 2003, p.232).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? **Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

BARRETO, Lima (1917; 1922; 1928). **Os bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1998.

FLORENCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. dos. **A crítica social em Lima Barreto e a modernidade líquida: um lapso de 100 anos**. REVISTA INTERSABERES, [S. l.], v. 15, n. 35, 2020. DOI: 10.22169/revint.v15i35.1816. Disponível em:

<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/181>

Acesso em: 10 nov. 2024.

FLORENCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. dos; LEITE, V. N. **Da atualidade de Os bruzundangas (e a escola moderna)**. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 42, núm. 2, e51644, 2020.

O que é Desemprego. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; MONTEIRO, Pedro Meira. **Sérgio com Lima: um encontro inusitado em meio aos modernismos**. Revista brasileira de História, v. 36, n. 73, p. 41-62, 2016.

SCHWARCZ, Lilian. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, N. Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural no Primeira República. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.